



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (CCBS)
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

LISA MARTHA SILVA DAVID

**SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
DA LITERATURA**

**CAMPINA GRANDE - PB
Novembro
2022**

LISA MARTHA SILVA DAVID

**SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso Psicologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduação em Psicologia.

Orientador: Maria Lígia de Aquino Gouveia

**Campina Grande - PB
Novembro
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D250s David, Lisa Martha Silva.
Suicídio na adolescência e psicanálise [manuscrito] : uma
revisão sistemática da literatura / Lisa Martha Silva David. -
2022.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia ,
Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Suicídio. 2. Psicanálise. 3. Adolescência. I. Título
21. ed. CDD 362.28

LISA MARTHA SILVA DAVID

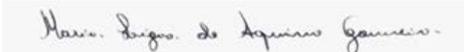
SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA
LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso Psicologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em: 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jailma Berlamino Souto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Edivan Gonçalves da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha amada vó Vanda Dantas (*in memoriam*), que não chegou a me ver concluir o curso, como me foi prometido, mas chegou muito perto e mais do que nunca me fez ter orgulho do que dela me foi transmitido.

*“O suicida é um artista trágico que, por lhe faltarem os recursos para contar a sua história -
“Ah! Se eu pudesse pintá-la, se eu pudesse gravá-la em mármore, se eu pudesse cantá-la em música, se eu pudesse escrevê-la -, sim, por lhe faltarem esses recursos, ele escreve a sua beleza trágica no seu próprio corpo.”*

Rubem Alves (1999/2021)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 Suicídio em psicanálise	9
2.2 Aspectos epidemiológicos e psicossociais do suicídio na adolescência..	13
3. METODOLOGIA	13
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1 Adolescência para psicanálise	18
4.2 O adolescente frente ao mal estar da cena contemporânea	20
4.2.1 A família	21
4.2.2 Reflexões sobre a função da Escola em relação ao suicídio adolescente.	22
4.3 O lugar dos atos e condutas de risco na adolescência contemporânea	24
5. CONCLUSÃO	26
6. REFERÊNCIAS	27

SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Lisa Martha Silva David¹

RESUMO

Na adolescência, os sujeitos se defrontam com a questão do por que viver. Em tempos de enfraquecimento de referenciais simbólicos, a construção dessa resposta torna-se ainda mais complexa. Nesse sentido, presencia-se um aumento expressivo do suicídio na população de 14 a 19 anos, o que leva ao questionamento se a morte autoprovocada nessa população teria relação com a especificidade da travessia adolescente, marcada por intenso trabalho psíquico e subjetivo. Além disso, questiona-se sobre a relação entre suicídio juvenil e as novas configurações do laço social contemporâneo. Diante disso, o presente artigo teve como objetivo principal identificar como o suicídio na adolescência vem sendo abordado pela psicanálise na literatura científica. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados Scielo; Pepsic; Index Psi e BVS. Foram utilizados os descritores: suicídio AND psicanálise AND adolescência; suicídio AND psicanálise; passagem ao ato AND adolescência e suicídio AND adolescência. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos nacionais publicados em português entre 2017 e 2021 de fundamentação teórica psicanalítica. Foram identificados 796 registros, dos quais 13 se qualificaram nos critérios estabelecidos. Para análise dos dados objetivos, foram utilizados quadros de análises com categorias predefinidas contendo: ano de publicação; revista eletrônica; objetivos, e delineamento metodológico. Após a leitura pormenorizada dos estudos selecionados, as ideias dos autores foram sintetizadas em categorias temáticas definidas a posteriori. Após leitura pormenorizada das produções selecionadas, foram criadas três categorias temáticas e duas subcategorias. As categorias produzidas foram: “*A adolescência para a psicanálise*”; “*O adolescente frente ao mal estar contemporâneo*”, com as subcategorias “*Família*” e “*Reflexões sobre a função da Escola em relação ao suicídio adolescente*” e por último a categoria “*O lugar dos atos e condutas de risco na adolescência contemporânea*”, que sintetizaram a ideia dos autores. Concluiu-se que o suicídio na adolescência comporta especificidades que dizem respeito à contemporaneidade e às operações subjetivas e psíquicas próprias desse tempo.

Palavras-chave: Suicídio; Adolescência; Psicanálise.

ABSTRACT

In adolescence, subjects are faced with the question of why to live. In times of weakening of symbolic references, the construction of this answer becomes even more complex. In this sense, there is a significant increase in suicide in the population aged 14 to 19 years, which leads to the question whether self-harm in this population is related to the specificity of the adolescent journey, marked by intense psychological and subjective work. In addition, it questions the relationship between youth suicide and the new configurations of the contemporary social bond. Therefore, the main objective of this article is to identify how suicide in adolescence has been approached by psychoanalysis in the scientific literature. For that, a systematic review of the literature was carried out in the Scielo databases; Pepsic; Psi Index and BVS. The descriptors used were: suicide AND psychoanalysis AND adolescence; suicide AND psychoanalysis; passage to AND adolescence and suicide AND adolescence. The inclusion criteria adopted were: national articles published in Portuguese between 2017 and 2021 with a psychoanalytic theoretical foundation. A total of 796 records were identified, of which 13 met the established criteria. For the analysis of objective data, analysis tables

were used with predefined categories containing: year of publication; Web magazine; objectives, and methodological design. After a detailed reading of the selected studies, the authors' ideas were synthesized in thematic categories defined a posteriori. After a detailed reading of the selected productions, three thematic categories and two subcategories were created. The categories produced were: “Adolescence for psychoanalysis”; “Adolescents in the face of contemporary malaise”, with the subcategories “Family” and “Reflections on the role of the School in relation to adolescent suicide” and, finally, the category “The place of risky acts and conduct in contemporary adolescence”, which synthesized the idea of the authors. It was concluded that suicide in adolescence involves specificities that concern contemporaneity and the subjective and psychic operations typical of that time.

Keywords: Suicide; Adolescence; Psychoanalysis.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba

1 INTRODUÇÃO

O suicídio é um problema urgente e multideterminado de saúde pública, que atinge a sociedade como um todo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2012 ocorreram 804 mil mortes autoprovocadas em todo o mundo. Entre os jovens de 15 a 29 anos é a segunda maior causa de morte (OMS, 2018.) No Brasil, houve aumento de 43% da taxa de suicídio anual na série histórica de 2010 a 2019 (SILVA e MARCOLAN, 2014), sendo o quarto principal fator de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Em números absolutos, o país ocupa o oitavo lugar de países em que mais ocorrem mortes autoprovocadas. Tanto o suicídio quanto as autolesões são fenômenos estigmatizados e subnotificados (Brasil, 2021), o que contribui para defasagens na apuração estatística dos casos. A partir de 2014, entretanto, com a legislação de Notificação Compulsória em vigor, houve o aumento dos registros dos casos de 2011 a 2018 (497,5%), conforme apontam os estudos de Silva e Marcolan (2014).

Este aumento se deu em todas as regiões brasileiras. Só no Nordeste foi 126,6% no período de 1996 a 2018 (SILVA e MARCOLAN, 2014). Especificamente na Paraíba houve 1.140 casos de morte autoprovocada entre os anos de 2016 a 2019, conforme aponta o estudo de Aguiar, Camelô e Lima (2021). Já o estudo de Lavor *et. al* (2020), que analisou estimativas de 2013 a 2017, apontou o aumento no número de casos de suicídio a cada ano na Paraíba. Assim, essa unidade federativa registra um caso de suicídio a cada 24h.

Para além da objetividade dos dados estatísticos, pode-se dizer que o ato suicida comporta fatores genéticos, biológicos, psicológicos e sócio históricos, que interagem de formas variadas, peculiares e imprevisíveis (CASSORLA, 2021). Nesse sentido, o suicídio é um fenômeno multifatorial e multideterminado, que teve diferentes abordagens ao longo da história. Não se pode identificar precisamente suas causas, uma vez que essas dizem respeito à história singular de cada sujeito e seus arranjos diante da morte e da existência. Assim, ao matar-se o sujeito leva consigo as causalidades do próprio ato, deixando aos que ficam os questionamentos e a insaciável - e impossível - necessidade de compreensão. Assim, há algo da morte autoprovocada que ecoa e comunica: “o suicida obriga-nos a conversar. É impossível estar diante do seu corpo morto sem ouvir as vozes e as melodias que moram nele.” (ALVES, 2021, p.12).

Le Breton (2017) afirma que a adolescência é forjada no tempo e espaço de cada época, não sendo possível, portanto, delimitar uma cronologia definida. Assim, hoje presencia-se uma entrada cada vez mais precoce na adolescência e um estágio prolongado nela, como pode ser visto nas condutas adolescentes protagonizadas em jovens que já passaram dos seus trinta anos. Para o sociólogo e antropólogo, a adolescência é, sobretudo, um sentimento (LE BRETON, 2017). Nessa direção, a adolescência não é um conceito psicanalítico, mas sim um significante que diz respeito a uma transição particular a qual depende do tempo lógico de quem a vivencia (LACADÉE, 2016)

Miller (2016) aponta três aspectos da abordagem psicanalítica da adolescência. No primeiro ponto, trata-se da saída da infância, momento da puberdade que é psicológico e biologicamente atestada. A diferença dos sexos emerge, prenunciando as diferenciações entre a posição feminina e masculina. Há nesse momento uma escansão da história da sexualidade). Em terceiro lugar, aborda a *imiscuição do adulto na criança*, uma vez que na adolescência há uma reconfiguração do narcisismo a partir da articulação entre o eu ideal e Ideal do eu (MILLER, 2016). Este autor aponta esses aspectos como bases de uma teoria psicanalítica sobre a puberdade, sem excluir o que se anuncia enquanto novo na adolescência contemporânea.

Freud ([1905]/1972) assinala que a chegada da puberdade desemboca em metamorfoses que levam a vida sexual infantil à sua configuração normal definitiva. A pulsão outrora autoerótica encontra, finalmente, um objeto sexual. A escolha objetual se faz a partir do revivido na infância: “o encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro.” (p.41). Aqui Freud refere-se à época primária de satisfação em que a pulsão sexual possuía um objeto fora do corpo próprio, no seio materno, no caso. Mais tarde o sujeito vem a perder esse objeto. Entretanto, superado o período de latência, restabelece-se a relação originária (FREUD, 1905/1972). Outras escolhas objetuais serão concretizadas tomando como horizonte a afetuosidade da criança pelos pais. Entretanto, esta não é a única via, embora seja a mais importante. Assim, Freud ([1905]/1972, p.43) afirma: “outros rudimentos com essa mesma origem permitem ao homem, sempre apoiado em sua infância, desenvolver mais de uma orientação sexual e criar condições muito diversificadas para sua escolha objetual.”

Destarte, Lacadée (2016) afirma que a escolha desse objeto na adolescência implica uma referência ao Outro sexo em sua alteridade. Possuindo caráter decisivo, essa escolha tem dimensão de um ato, o que leva ao autor à definição de *clínica do ato* ou *clínica da vontade*. Miller (2016) aponta que enquanto Freud assinala a passagem do gozo autoerótico para a satisfação do ato sexual, Lacan postula a impossibilidade de gozo no corpo do Outro, afinal goza-se tão somente a partir do seu próprio corpo (MILLER, 2016). Nessa direção, na adolescência a não relação sexual é escancarada ao sujeito adolescente. Desta feita, ao adolescente cabe a tarefa de inventar um saber fazer ante o Outro sexo (LACADÉE, 2016). A respeito das metamorfoses do próprio corpo não há palavra que possa representá-las, de forma que a adolescência se apresenta como uma resposta possível à puberdade (LACADÉE, 2016).

Outra tarefa delegada à adolescência é a desidentificação das primeiras figuras identificatórias para que se possa ganhar uma cota de autonomia em relação a elas. Eis a “crise da adolescência” (FREDA, 2016). Tal tarefa se complexifica em tempos de debilidade de figuras de autoridades que poderiam representar algum modelo identificatório aos adolescentes (FREDA, 2016). É nesse sentido que Miller (2016) afirma que hoje presenciam-se mutações da ordem simbólica, sobretudo o declínio do patriarcado. O pai na

atualidade tornou-se apenas um dos operadores possíveis na amarração dos três registros, uma vez que sua função dominante foi dissolvida. Nesse sentido, Freda (2016) afirma que os ideais aos quais as figuras de autoridade estão associados atualmente estão fragilizados, levando ao questionamento se de fato eles ainda existem. A autora retoma a fórmula de Lacan em que diz que o “Outro não existe”, o que orienta aos psicanalistas um “saber fazer sem o Outro.” Tais mudanças na ordem simbólica são veemente sentidas pelos adolescentes (MILLER, 2016).

Os dados epidemiológicos mais recentes disponíveis apontam nos últimos dez anos aumento de 81% do suicídio entre adolescentes, passando de 606 óbitos e de uma taxa de 3,5 mortes por 100 mil habitantes, para 1022 óbitos, e uma taxa de 6,4 suicídio para cada 100 mil adolescentes (BRASIL, 2021). O referido boletim destaca o aumento de 113% de suicídio entre menores de 14 anos. Esses dados apreendidos aprioristicamente leva ao questionamento: como os adolescentes estão chegando à clínica psicanalítica? e quais são, a partir dela, as elaborações teóricas acerca da ideação e do suicídio adolescente? Um questionamento prévio a se fazer é se a morte autoprovocada nessa população teria relação com a especificidade da travessia adolescente, a qual envolve intenso trabalho psíquico e subjetivo. Além disso, indaga-se a respeito das relações entre o ato suicida juvenil e as novas configurações do laço social contemporâneo. A partir dessas indagações, este trabalho tem como objetivo principal identificar como o suicídio na adolescência vem sendo abordado pela psicanálise na literatura científica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Suicídio e psicanálise

Tanto Sigmundo Freud como Jacques Lacan se encontraram com a questão do suicídio nos seus casos clínicos e não recuaram diante deles. Apesar de não terem se debruçado especificamente a este tema, fizeram construções teóricas para tentar dar conta do que se anunciava nas suas clínicas (RIBEIRO; GUERRA, 2021a). Diante disso, cabe fazer um breve percurso teórico em algumas obras desses autores, a fim de rastrear suas contribuições à formulação teórica do suicídio.

Em *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud ([1901]/1970) atribui sentido e propósito por trás dos pequenos equívocos cotidianos. Desse modo, os lapsos não se expressam apenas na fala: as atividades motoras também anunciam os equívocos da ação que têm intenção inconsciente. O pai da psicanálise ilustra diversos exemplos desses atos falhos, como derrubar objetos; levar um diapasão em vez de um martelo para o trabalho; tentar abrir com as chaves de sua própria quando a intenção consciente era tocar a campainha da residência dos seus pacientes. Já nesse ponto Freud ilustra a motivação inconsciente que induz a uma execução “falha” dos atos, mas que traduz um desejo inconsciente. Nesse primeiro momento, Freud ([1901]/1970) detém-se a ilustrar uma série de ações cotidianas de impactos psíquicos inofensivos. Mas em seguida se questiona se: “nos erros capazes de provocar danos graves, é lícito admitirmos a possibilidade de uma intenção inconsciente, tal como fizemos nos casos já discutidos (p. 118)”

Freud é honesto ao dizer que seu material o desampara na tentativa de responder a esta pergunta, o que o leva a se utilizar das conjecturas e inferências ao seu redor. Destarte, afirma que os ferimentos autoinfligidos podem aparecer como sintomas patológicos em pacientes com casos mais agravados de psicose, o que não o leva a descartar a hipótese

de suicídio como possível desfecho do conflito psíquico. Dessa forma, argumenta que os ferimentos que se revestem de acidentes casuais são, na realidade, lesões autoinfligidas. A intenção inconsciente por trás desses atos pode ser a da tendência à autopunição que, segundo o autor, está sempre à espreita esperando uma situação ocasional para encobri-la (FREUD, [1901]/1970).

Para ilustrar seu posicionamento, traz ao corpo do seu texto uma experiência clínica. Trata-se de uma jovem senhora que se envolveu em um acidente de charrete, que lhe custou os ossos das pernas e trouxe como consequência uma doença neurótica grave. A mulher em questão estava de férias na fazenda da família e resolveu dançar cancan, sob aplausos dos parentes e desagrado do marido. Este veio a lhe dizer que ela havia se comportado tal qual uma prostituta. O comentário inquietou a mulher, que pela manhã resolveu andar de charrete. Escolheu para este fim os cavalos mais irrequietos e em certo momento do passeio esses vieram a se agitar excessivamente, o que a assustou e a levou a pular impulsivamente da carruagem. Destaca-se que de todos que estavam na veículo, apenas ela se acidentou. Freud ([1901]/1970) chama atenção para o fato da paciente não expressar dor apesar da gravidade da situação, exibindo certo apaziguamento ante seu ato. Assim, Freud ([1901]/1970) conclui que o acidente da paciente foi premeditado inconscientemente e correspondeu à tendência de autopunição, uma vez que ela ficou impossibilitada de dançar cancan de desaprovação do marido.

Freud ([1901]/1970) argumenta que além dos suicídios intencionais, existem as autodestruições semi-intencionais, isto é, com propósito inconsciente. Dessa forma, uma intenção de suicídio inconsciente estaria por trás de alguns casos de acidentes casuais fatais. Freud ([1901]/1970) argumenta que essa autodestruição não é esporádica, uma vez que há uma cota de tendência à autodestruição em um número maior de pessoas do que aquelas que chegam a concretizá-las em atos autodestrutivos. Diante disso, os ferimentos auto-infligidos, no geral, representam um “compromisso entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela (p.119).”

No texto *Luto e Melancolia*, Freud (1917 [1915]) disserta acerca das diferenciações entre os dois. Afirma que tanto na melancolia quanto no luto o sujeito se opõe à perda do objeto, havendo um superinvestimento libidinal no que foi perdido, mas com durações diferentes um do outro. No estado melancólico, o sujeito apresenta uma profunda apatia pelo mundo exterior, incapacidade de amar, inibição da atividade e diminuições na autoestima, que se traduzem em autorrecriminações e ofensas a si próprio. O estado de luto apresenta o mesmo quadro, com exceção da perda da autoestima. Na melancolia há um profundo empobrecimento do Eu, uma vez que o sujeito retira a libido de si mesmo para depositar no objeto atualmente perdido e outrora amado. Há no sujeito melancólico um *delírio de pequenez*, acompanhado de recusa à alimentação, insônia e superação da pulsão que nos coage ao apego à vida, à autopreservação. Assim, enquanto no luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio eu que se empobrece e esvazia. Nesse sentido, Freud (1917 [1915]) argumenta que após a perda do objeto, o investimento libidinal do sujeito fica suspenso. A libido livre não é redirecionada para outro objeto, restando a ela se voltar ao próprio eu. Estabelece-se, então, uma identificação do Eu com o objeto abandonado: “A sombra do objeto caiu sobre o Eu” (p.133).

Dada a vasta libido narcísica investida no próprio Ego, é difícil compreender como o sujeito pode permitir sua própria autodestruição (FREUD, [1917]/2015). Ele já havia argumentado que o neurótico só pode suportar as ideias de autoextermínio a partir do desejo

de homicídios direcionado aos outros. Mas trata-se de ideias, não ato. É assim que ele chega a conclusão que o sujeito melancólico só pode se suicidar se tomar a si mesmo como objeto, dirigindo contra si a hostilidade que concerne ao objeto.

No texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, Freud ([1920]/2011) atende a uma jovem de 18 anos encaminhada pelos seus progenitores após uma tentativa de suicídio. Esta, à contragosto dos pais, mantia relações estreitas e afetuosas com uma dama mal-afamada. Em um dos passeios realizados em companhia desta dama, seu pai as vê e lhes dirige um olhar recriminatório. Imediatamente após esse olhar, a jovem jogou-se sobre a linha do trem que estava vindo. Freud ([1920]/ 2011) destaca que a tentativa de suicídio da jovem foi verdadeira e que lhe trouxe mudanças significativas: os pais se opuseram com menos veemência aos seus desejo e a dama, que até então recebia friamente suas investidas, passou tratá-la com mais amabilidade. Além disso, sua tentativa de autoextermínio respondeu a duas funções: a de autopunição e a de realização de um desejo de parir um filho do pai. Esta interpretação se dá a partir do significante “*Niederkommen*”, que é composto por *nieder* (“baixo”) e *kommen* (“vir”), uma vez que a jovem caiu para baixo da linha do trem. Lacan retoma esse caso ao fazer a distinção entre passagem ao ato e *acting out*.

Ainda nesse texto, Freud ([1920]/2015) estende a lógica de autoextermínio presente na melancolia para o suicídio no geral. Dessa forma, nas palavras do autor:

“Pois a psicanálise trouxe a seguinte explicação para o enigma do suicídio: talvez ninguém encontre a energia psíquica para se matar, se, primeiro, não estiver matando também um objeto com o qual se identificou, e, em segundo lugar, se não estiver dirigindo contra si mesmo um desejo de morte que era voltado para outra pessoa (p.119).”

No Seminário X sobre a angústia, Lacan ([1962]/2005) retoma o caso da jovem homossexual. Lins e Rudge (2012) argumentam que nesse seminário Lacan fica às voltas com uma *patologia dos atos* em relação à posição do indivíduo no lugar de objeto. As autoras argumentam que tal patologia dos atos diz respeito às modalidades clínicas distintas dos sintomas clássicos, uma vez que esses envolvem uma solução de compromisso e são orientados pelo princípio de prazer. Nesse sentido, Miller (2014), ao comentar a obra supracitada, argumenta que Lacan não pensa o ato como a mobilização *ótimo de recursos*, uma vez que toma o suicídio como paradigma do ato. A própria clínica do ato, segundo Lacan, questiona a afirmativa que o sujeito quer seu próprio bem, admitindo a tendência à autodestruição (MILLER, 2014). Desse modo, o ato visa ao gozo. Cabe ressaltar que na teoria psicanalítica, o gozo não deve ser confundido com prazer. Este é, inclusive, associado à dor, uma vez que implica uma satisfação que coloque o sujeito em perigo (MILLER, 2014). A partir desse paradigma de ato, Lacan argumenta que todo ato verdadeiro, ou seja, aquele que suscita mudanças no sujeito, é um “suicídio”, que marca um tempo em que o sujeito jamais será o que foi antes do ato (MILLER, 2014).

Na teoria psicanalítica, há diferenciação entre *acting out* e passagem ao ato. Em relação a esta última, Lacan ([1962]/2005) a define como a precipitação do sujeito em sair da cena do Outro, ou seja, do lugar em que ele se constitui enquanto “sujeito fundamentalmente historizado” (p. 129). Assim, na passagem ao ato o sujeito realiza um corte na relação com o Outro e sai da cena, único lugar onde o sujeito pode contar sua estória e construir os sentidos que compõem sua vida (LINS; RUDGE, 2012), em direção ao mundo, registro no qual o real se comprime (LACAN, [1962]/2005). Aqui o indivíduo identifica-se e se reduz

completamente ao nada, a um objeto do mundo sem sentido, ao objeto a, isto é, ao resto da operação subjetiva de alienação e separação no campo do Outro (LINS; RUDGE, 2012). Trata-se de um recurso que o sujeito utiliza para se defender da angústia. Com o fito de exemplificar a passagem ao ato, Lacan ([1962]/2005) retoma o caso da jovem homossexual no ponto em que ela se precipita em direção ao bondinho subterrâneo (LACAN, [1962]/2005).

Já no *acting out*, há uma orientação para o Outro. O sujeito não sai de cena, mas “sobe ao palco”, como anuncia Lacan. Diz, respeito portanto, a um querer ser visto: “o *acting out* é, em essência, a mostra, a amostragem, vela sem dúvida, mas não velada em si” (LACAN, [1962]/2005, p. 138). Nesse sentido, o *acting out* é velado ao sujeito que pode não perceber que está em atuação, mas que fala e se mostra ao Outro ao máximo. E nessa exibição há uma convocação do Outro para que este lhe responda sobre seu desejo. Trata-se da dramatização que tem uma dimensão de repetição e endereçamento, o sujeito pede no ato uma interpretação (LINS; RUDGE, 2012). Entretanto, essa interpretação é delicada, talvez até impossível. Posto isso, Lacan ([1962]/2005) argumenta que não é o sentido do que se interpreta no *acting out* que importa, e sim o resto, o que sobra. Desse modo, não se trata de interpretar o *acting out* aprioristicamente, mas sim conduzir o sujeito a uma construção narrativa do seu próprio ato para inaugurar uma outra verdade além daquela que o levou ao ato (LINS; RUDGE, 2012). De qualquer modo, é preciso considerar com delicadeza esse apelo que o sujeito faz ao Outro, uma vez que quando o *acting out* não encontra via no simbólico pode evoluir para uma passagem ao ato (LINS; REDGE, 2012). Por fim, o *acting out* diz respeito a uma evitação da angústia. Retomando o caso da jovem homossexual, se o jogar-se ao trem é passagem ao ato, o passeio com a dama nos arredores do trabalho do pai é *acting out*. (LACAN, 1962/2005).

Em Freud (1920), vimos que os atos podem ser inconscientes em sua intenção, mas equívocos e falhos em sua execução. Nesse sentido, temos notícias do nosso inconsciente a partir dos lapsos, tropeços, sonhos, equívocos da fala, enfim, do que se anuncia enquanto “falha”, mas que desvela uma verdade inconsciente. A própria experiência analítica se correlaciona à eminência do ato falho (MILLER, 2014). Isso posto, Lacan argumenta que o único ato que possui um fim êxito, isto é, sem falhas, é o suicídio (MILLER, 2014; SANTIAGO, 2021), uma vez que no suicídio o sujeito rejeita radicalmente o saber. Santiago (2021) exemplifica essa afirmação através da menção ao caso clínico de um adolescente que, antes da sua primeira sessão de análise, se suicida no prédio do consultório da analista. Trata-se, portanto, de um rechaço ao saber do inconsciente, uma ruptura com a cadeia significante (LINS; RUDGE, 2012). Assim, Lins e Rudge (2012) afirma que a única passagem ao ato que atinge o objetivo de saída plena do sujeito da cena para o mundo é o suicídio, nas palavras da autora:

“Todas as outras passagens ao ato são tentativas de rupturas com a cena, mas, no instante seguinte ao ato que não leva à morte, o sujeito rapidamente é absorvido pela cena e pela cadeia significante. Assim, a posteriori, uma passagem ao ato pode ser interpretada. na medida em que todas as outras passagens do ato que não desembocam na própria morte devolve o sujeito à cena e o absorvido pela cadeia significante (p. 22)

Pode-se dizer que a psicanálise freudiana-laciana tem algo a dizer acerca do emblemático ato de se suicidar, enquanto a clínica psicanalítica tem muito a escutar daqueles que flertam com suicídio (IANINI, 2021). Tal como Freud e Lacan, a psicanálise contemporânea não pode recuar frente à problemática do suicídio. Isso pressupõe tanto a oferta da escuta singular do sujeito que, para Dunker (2021), constitui-se o principal fator

protetivo no caso de suicídio, quanto a se atentar para dimensão psicossocial do suicídio, que desvela a tensão entre sujeito e laço social.

3 METODOLOGIA

O presente artigo trata de uma pesquisa de revisão sistemática de literatura. Este método, de acordo com Costa e Zoltowski (2014), permite ampliar o potencial de busca de uma determinada temática, facilitando a reunião do maior número possível de resultados de maneira sistematizada. Este tipo de pesquisa, segundo os autores, não é a simples exposição linear e descritiva de uma dada temática, de modo que os resultados devem ser organizados de maneira reflexiva, crítica e compreensiva.

Assim, buscou-se responder à seguinte questão: Como o suicídio na adolescência vem sendo escutado e escrito pela psicanálise na literatura científica? Para tanto, foi realizada uma busca nas bases de dados: Scielo; Psyc; Index Psi e BVS. Utilizou-se os seguintes descritores: 1. Suicídio AND psicanálise AND adolescência; 2. suicídio AND psicanálise; passagem ao ato AND adolescência e 3. Suicídio AND adolescência. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos nacionais publicados em português entre 2017 e 2021 de fundamentação teórica psicanalítica.

Estabelecidas essas etapas, foi realizada a leitura dos títulos e palavras chaves dos 796 registros identificados, selecionando as referências que potencialmente se encaixavam nos critérios adotados. Após esse processo, restaram 196 publicações. Os registros duplos, as produções textuais em outros formatos diferentes de artigo científico, fora da data estipulada, ou de outras abordagens teóricas foram excluídas. Após esse processo, 183 registros foram descartados, restando à análise 13 produções científicas, que compuseram o banco final de dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos que compuseram a base de dados finais foram lidos na íntegra. Para análise dos dados objetivos, foram produzidos quadros de análise com categorias predefinidas tais como: ano de publicação, revista eletrônica, objetivos e delineamento metodológico. Após a leitura detalhada dos estudos selecionados, as ideias dos autores foram sintetizadas em categorias temáticas definidas a posteriori.

Quadro 01: Caracterização das produções científicas

NÚMERO	ANO	AUTOR	PERIÓDICO CIENTÍFICO	TÍTULO
-	2017	-	-	-
1	2018	Jucá e Vocaro	Psicologia USP	Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica

2	2018	Levinzon	Jornal de Psicanálise	Thirteen reasons why: suicídio em adolescentes
3	2019	Flecner	Revista Brasileira de Psicanálise	Além dos limites: tentativas de suicídio na adolescência
4	2019	Cesar	Desidades	Morte e vida na adolescência: da dor e delícia de ser jovem
5	2019	Cassorla	Revista Brasileira de Psicanálise	Suicídio: em busca do objeto idealizado
6	2019	Vanucchi	Revista Brasileira de Psicanálise	Suicídio na adolescência: tentando pensar o impensável
7	2020	Ribeiro Guerra	Psicologia USP	Adolescência, atos e o risco de suicídio
8	2020	Gurski, Strzykalski e Perrone	Tempo psicanalítico	O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da adolescência
9	2020	Friedemann e Narvaez	Estilos da clínica: revista sobre a infância com problemas	O impacto da adolescência na ideação suicida dos adolescentes
10	2020	Cabral	Revista de Psicanálise da SSPA	Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais
11	2021	Bittencourt	Vínculo	Do abandono à criação: o atendimento interdisciplinar de uma adolescentes no CAPSIJ

12	2021	Coutinho e Madureira	Educação & Realidade	Os cortes na adolescência: a busca por um lugar na Cidade
13	2021	Saggese	Educação & Realidade	Uma juventude à flor da pele: o dilema de adolecer ou adoecer

Conforme exposto na tabela acima, não foi identificada publicação sobre suicídio na adolescência no ano de 2017, que se encaixasse nos critérios de inclusão estabelecidos. Em compensação, nos anos subsequentes houve registros de pelo menos três produções científicas sobre a temática, com destaque para os anos de 2019 e 2020, com quatro publicações. Isso pode apontar para um interesse crescente da Psicanálise de investigar o tema, o que acompanha os aumentos expressivos do suicídio juvenil nos últimos anos. Em relação aos periódicos científicos, foram identificadas diferentes revistas, de forma que apenas três delas aparecem mais de uma vez. Assim, a Revista Brasileira de Psicanálise é identificada três vezes, enquanto Psicologia USP e Educação & Realidade duas vezes cada uma.

Quadro 02: Delineamento metodológico das produções científicas

ARTIGO	TIPO DE PESQUISA	PARTICIPANTES DA PESQUISA/ OBJETO DE ESTUDO
1	Relato de experiência	Adolescentes atendidos em um CAPSi
2	Análise de obra cinematográfica	Obra: os 13 porquês
3	Relato de caso clínico	O analisando
4	Relato de caso clínico	O analisando
5	Pesquisa bibliográfica	-
6	Relato de caso clínico e análise de obra cinematográfica	O analisanda Obra: os 13 porquês
7	Análise de obra cinematográfica	Obra: os 13 porquês
8	Pesquisa bibliográfica	-
9	Pesquisa qualitativa de caráter exploratório	Quatro estudantes de escola pública
10	Pesquisa bibliográfica	-

11	Relato de caso clínico	Uma adolescente usuária do CAPSi e sua família
12	Relato de caso clínico	O analisando
13	Pesquisa bibliográfica	-

No que concerne ao tipo de estudo, conforme pode ser constatado na tabela acima, o relato de caso clínico individual é o que mais se repete, seguido da pesquisa bibliográfica e análise de obra cinematográfica. Relato de experiência e pesquisa qualitativa de caráter exploratório aparecem somente uma vez. Um dado curioso, é que a série televisiva *Os treze porquês* (YORKEY, 2017) é a obra escolhida em todos os artigos de análise de obra cinematográfica. A série, cuja personagem principal comete suicídio, foi lançada no Brasil sob muita polêmica, especialmente entre os adolescentes. Quanto à predominância dos casos clínicos, podemos afirmar que está em consonância com a direção da pesquisa psicanalítica que, de acordo com Lowenkron (2004), apud Zanetti; Kupfer, (2006), p. 171, é baseada e norteadada pela experiência clínica desde as primeiras formulações de Freud. Nessa direção, Marsillac, Bloss e Mattiazzi (2019, p. 789) afirmam que: “sustentada pelo rigor que lhe é próprio, calcado na ética do sujeito, a pesquisa em psicanálise não busca generalizações, mas experiências singulares e exemplares de um tempo.”

Entretanto, a pesquisa em psicanálise agrega experiências para além do *setting* analítico individual, como demonstrado nas pesquisas de Juca e Vorcaro (2018) e Friedemann e Narvaez (2020). Assim, Rosa (2004), apoiada na proposição de Lacan de 9 de outubro de 1967, defende que a psicanálise atua também em extensão. Isso diz respeito a uma prática que, calcada no rigor ético da psicanálise, considera o sujeito em interface com os fenômenos sociopolíticos.

Quadro 03: Objetivos das produções científicas

TEXTO	OBJETIVOS
1	Produzir um saber a partir da prática clínica com adolescentes do CAPSi, interrogando-se sobre suas manifestações enigmáticas.
2	Abordar as fantasias e atos de suicídio na adolescência, considerando a configuração afetiva do adolescente e suas possíveis motivações para comportamentos de risco.
3	Objetiva explicitar algumas das situações que aparecem na adolescência, relativas à vida, à sexualidade e à morte, a partir de um recorte de um caso clínico.

4	O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o sofrimento na adolescência, que vem se apresentando sob a forma de comportamentos de risco: depressão, ideias e tentativas de suicídio e ataques corporais.
5	Através de fatos clínicos, estudam-se fantasias subjacentes à necessidade do suicida de destruir seu aparelho de sentir e pensar para escapar de sofrimentos insuportáveis
6	Revisitar várias abordagens teóricas diferentes a respeito da adolescência e do suicídio nessa fase da vida, enfatizando a diferença entre o desejo de matar-se, procurando sair desta vida em busca de outra, ou mesmo tentando eliminar um perseguidor interno, e o desejo de morrer propriamente dito.
7	Localizar como a psicanálise pode ter efeito na redução das tentativas de suicídio, conforme apontado na pesquisa publicada no <i>The British Journal of Psychiatry</i> (2019) .
8	Problematizar o aumento preocupante do mal-estar juvenil de nosso tempo, revelado por crescentes índices de depressão e suicídio de jovens brasileiros.
9	Compreender a percepção de adolescentes quanto à implicação do espaço escolar em sua ideação suicida.
10	Examinar algumas peculiaridades sintomáticas da adolescência atual. e a orientação fornecida por algumas observações de Freud e Lacan com o intuito de acomodá-las e processá-las no dispositivo analítico.
11	O objetivo não foi explicitado.
12	Analisar o apelo recorrente aos atos autolesivos na adolescência, discutindo questões relativas ao laço social.
13	O objetivo não foi explicitado.

Em relação aos objetivos dos artigos, nota-se que nem todos eles intentam discutir o suicídio propriamente dito na adolescência. Dessa forma, alguns estudos propõem a estudar o que é nomeado como “manifestação enigmática”, “particularidades sintomática” e “mal estar juvenil” relativo à adolescência. Entretanto, a leitura na íntegra desses materiais revelou que essa temática vem à tona, indicando que há uma estreita relação entre suicídio e adolescência. Outras produções científicas intencionam explicitamente estudar o suicídio juvenil e os nomeados comportamentos de riscos, que incluem a morte autoprovoada. Outro aspecto relevante diz respeito à discussão da questão em interface com as configurações do laço contemporâneo atual e com o espaço escolar. Um dos artigos, mobilizado por um estudo internacional que demonstrou que a Psicanálise e outras psicoterapias são as mais eficazes na redução das tentativas de suicídio, objetiva localizar como a Psicanálise pode ter tal efeito. Destaca também que dois dos treze estudos não possuem objetivos explicitamente definidos.

Após leitura pormenorizada das produções selecionadas, foram criadas três categorias temáticas e duas subcategorias. As categorias produzidas foram: *A adolescência para a psicanálise*; *O adolescente frente ao mal estar contemporâneo*, com as subcategorias *Família e Reflexões sobre a função da Escola em relação ao suicídio adolescente* e por último a categoria *O lugar dos atos e condutas de risco na adolescência contemporânea*, com o objetivo de produzir uma síntese narrativa das publicações recentes. Cada uma das categorias será destrinchada ao longo do trabalho. Destaca-se que algumas referências citadas pelos autores precisaram ser consultadas na íntegra para melhor compreensão e, assim, citadas diretamente no texto. Além disso, outras referências foram adicionadas com o fito de contextualização, mas sem deixar de fugir ao propósito de síntese das ideias dos autores selecionados nesta revisão.

4.1 A adolescência para a psicanálise

A primeira categoria sintetiza como os autores abordam a psicanálise pelo viés psicanalítico. Estes enfatizam a delicadeza da travessia adolescente, marcada pelo desligamento das figuras de autoridade na infância, irrupção do Real do sexo e a construção de um novo nome no discurso social. Por todas essas características, não há dúvida de que a adolescência exige do sujeito intenso trabalho psíquico e remanejamento pulsional. Nesse sentido, levanta-se o questionamento se a especificidade da morte autoprovoada na adolescência teria relação com as características associadas a esse tempo da constituição do sujeito.

Para Jucá e Vorcaro (2018) a puberdade refere-se às mudanças corporais impulsionadas pela maturação biológica, que torna o corpo apto para a reprodução. A adolescência, por sua vez, estaria a serviço da puberdade, sendo um fenômeno circunscrito socioculturalmente. Localiza-se também referência à adolescência como sintoma da puberdade, isto é, uma resposta possível ao encontro com o Outro sexo que surge nesse período (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Entretanto, Freud não faz uma diferenciação explícita entre os dois termos, não obstante em suas obras tenha recorrido mais frequentemente ao vocábulo puberdade (JUCÁ; VORCARO, 2018; Ribeiro; GUERRA, 2021; COUTINHO; MADUREIRA, 2021).

Para além disso, a adolescência é localizada como um tempo da constituição do sujeito em que importantes operações ocorrem. Freud (1905/1972), em três ensaios sobre a teoria da sexualidade, assinala que a principal tarefa psíquica da puberdade é o desligamento da autoridade paterna. Isso marca um tempo diferente da infância, uma vez que enquanto

nesse período há uma grande idealização dos pais, na adolescência há a dissolução do ideal das figuras parentais infantis (COUTINHO; MADUREIRA, 2021).

Essa desidealização não ocorre sem impactos subjetivos. O sujeito adolescente terá que se separar desse Outro, representado pelos seus pais imaginizados e idealizados (COUTINHO; MADUREIRA, 2021). Tal separação, que só poderá ocorrer se os pais tiverem sido incorporados na infância, colocará o jovem ante o desamparo fundamental, em que o Outro não poderá mais o proteger (COUTINHO; MADUREIRA, 2021). É nesse sentido que Cesar (2019) refere-se à adolescência como uma travessia turbulenta em que o sujeito enfrenta a morte da infância.

Nessa perspectiva, é substancial que os pais compareçam nessa travessia e invistam amorosamente nos filhos adolescentes para que estes possam investir em si próprios (COUTINHO; MADUREIRA, 2021). Entretanto, de acordo com as autoras, frequentemente os pais se demitem da função de serem pais de seus filhos, tendo dificuldades de sustentar a adolescência destes. Isso priva o adolescente de escolher lançar mão ou não desses pais, o que o coloca na posição de buscar a qualquer custo o olhar deles. Nessa direção, Flecner (2019) afirma que as características da travessia da adolescência dependem, entre outros fatores, das experiências infantis, das suas relações afetivas primordiais e da elaboração da fantasia edípica.

Reconhecendo a impossibilidade e limites do Outro parental, o adolescente pode então elaborar sua falta e a do Outro, se autorizando a desejar e agir em nome próprio (COUTINHO; MADUREIRA). Isso implica na tentativa de construir novas maneiras de se fazer representado no discurso social, já que este não é mais sustentado na posição de ser falado através do lugar dado pelo Olhar parental. Trata-se de um tempo em que as significações da infância estão suspensas (RIBEIRO; GUERRA, 2021). É assim que o sujeito tenta responder por vias próprias questões fundamentais: “Quem sou eu?” / Que lugar vou ocupar no laço social?. (GURSKI; STRZYKALSI; PERRONE, 2020).” Para dar conta dessa operação, o sujeito deverá lançar mão daquilo que construiu no campo do Outro nos tempos do Édipo (LACAN, 1957- 1958/1999 citado por GURSKI; STRZYKALSI; PERRONE, 2020, p. 362).

Assim, no processo de adolecer o sujeito tenta, em nome próprio, formular o desejo de viver. Essa não é uma tarefa fácil, posto que nesse momento as questões sobre o sentido da vida se ampliam e há a suspensão do significado e valor da vida. (RIBEIRO; GUERRA, 2021; GURSKI; STRZYKALSI; PERRONE, 2020). Ribeiro e Guerra (2021), ao resgatar as ideias do antropólogo Le Breton (2017), afirmam que a construção do sentido da existência pelo adolescente dentro do contexto do individualismo democrático é árdua e solitária. Isso porque o jovem não conta com rituais de passagem que marquem a construção de um papel social capaz de significar sua existência e nem de um saber social que ampare essa delicada travessia (RIBEIRO; GUERRA, 2021).

Lacan (1974/2003), citado por Gurski, Strzykalsi, Perrone (2020, p. 363), ao comentar o espetáculo teatral o Despertar da Primavera, destaca o encontro dos personagens com o aspecto impossível da puberdade, isto é, o Real do sexo e da morte (GURSKI; STRZYKALSI; PERRONE, 2020). Os autores destacam que este real pubertário transcende as transformações corporais típicas do período. Na peça, Moritz e Melchior, personagens principais da trama, produzem sonhos eróticos e sinais corporais que se misturam às suas recordações da infância, o que os leva a sentimentos embaraçosos. Esses sentimentos são

precisamente o encontro com o real do sexo, que gera um furo no psiquismo sobre o qual o sujeito não possui palavras para recobri-lo. (GURSKI; STRZYAKALSI; PERRONE, 2020).

Quando o Real incide, o registro simbólico e as construções imaginárias infantis se apresentam insuficientes, anunciando para o sujeito sua condição castrada (GURSKI; STRZYAKALSI; PERRONE, 2020). Esse encontro faltoso levará o adolescente a encarar que a completude imaginária é impossível (JUCÁ e VORCARO, 2018). É o encontro com a inexistência da relação sexual. O adolescente então constata que não há um saber a priori sobre o que fazer com o outro sexo, restando a ele transformar o real pubertário em enigma: “Che Vouí?/ O que o Outro quer de mim?” (GURSKI; STRZYAKALSI; PERRONE, 2020).

Moritz e Melchior constroem respostas diferentes a estas questões. Enquanto Melchior toma a sexualidade como enigma, Moritz enxerga no suicídio uma saída (GURSKI; STRZYAKALSI, PERRONE; 2020). Os autores argumentam que é como se Moritz tentasse corresponder ao ideal parental e se fixar na posição de objeto de completude. Nesse sentido, Levizon (2018) afirma que o estar morto tem um significado particular para cada adolescente que tenta o suicídio, e um desses significados seria a busca de uma imortalidade narcísica que desafiaria o finito relativo à sexualidade. Para o jovem Moritz, o suicídio se apresentou como a saída para lidar com as dificuldades na construção de uma posição sexuada (GURSKI; STRZYAKALSI, PERRONE; 2020).

Diante disso, pode-se perceber que a adolescência é um período *pouco agradável*, no qual ocorrem mudanças, perdas, lutos e também conquistas (Ribeiro; GUERRA, 2021). Alguns autores correlacionam o suicídio a esse estágio delicado, argumentando que as ideias suicidas fazem parte do processo *normal* do adolecer (CASSORLA, 2019; CESAR, 2019; LEVIZON, 2018). Assim, Cesar (2019), amparada pelas ideias de Dolto (1990), afirma que há adolescentes que possuem ideias suicidas no nível imaginário, isto é, *natural*, enquanto outros as têm de maneira mórbida, ou seja, quando deveras desejam matar a si mesmos. As fronteiras entre esses dois níveis são delicadas. Levizon (2018), por sua vez, preocupa-se em distinguir o que é manifestação da crise adolescência e o que é indicativo de *patologia* grave que pode culminar no suicídio.

Caminhando em um sentido diferente da patologização, Juca e Vorcaro (2018) defendem que o trabalho com adolescentes requer tanto parcimônia com generalizações quanto o reconhecimento de que a transição adolescente não é a mesma para todos. Entretanto, as autoras não deixam de sinalizar o que há de comum na adolescência: uma operação em que importantes definições são processadas e que revela algo do laço social contemporâneo. Assim, questiona-se acerca das recorrências dos atos adolescentes na clínica, incluindo a tentativa e o suicídio propriamente dito.

4.2 O adolescente frente ao mal estar da cena contemporânea

A adolescência é compreendida pelos diversos campos de saber como momento em que o sujeito é convocado a participar de forma ativa no laço social (COUTINHO, 2009). Isso implica no defronte do sujeito adolescente com determinados impasses da cena social contemporânea. Dentre eles, o declínio da função paterna responsável pela decadência dos referenciais simbólicos que dão coesão à sociedade e orientam o sujeito na sociedade (LUSTOZA; CARDOSO; CALAZANS, 2014). Nesse sentido, nessa categoria tentou-se sintetizar as ideias dos autores acerca da adolescência na contemporaneidade e suas relações com as tentativas e o suicídio consumado. Identificou-se que os autores enxergam a

adolescência em profícua relação com o mal-estar da contemporaneidade, expressado também na relação com as instituições Família e Escola. Dessa forma, optou-se por desenvolver duas subcategorias: a família e reflexões sobre a função da Escola em relação ao suicídio adolescente. Para melhor compreensão, optou-se por dividi-la em três subtópicos: “A família” e “As reflexões sobre a função da Escola em relação ao suicídio adolescente”.

4.2.1 A família

Le Breton (2017) afirma que nas sociedades atuais não há ritos nem ideias norteadoras que facilitem a travessia da infância à vida adulta. Assim, no contexto do individualismo contemporâneo, o sujeito se volta a si mesmo à procura de um *ponto de referência, fixo e não ambíguo* em que possa amparar sua subjetividade (COUTINHO, 2009). Nessa direção, o mal-estar adolescência se manifesta frente a esta ausência de ritos de passagem que coloca os adolescentes à deriva de si mesmos. Dessa forma, para Guerra et. al (2017), ao comentar as ideias de Le Breton (2017), alude a imagem que este autor se utiliza para definir o adolescente pós-moderno: um barqueiro que atravessa um rio sozinho, conduzindo a si mesmo em uma fronteira clandestina.

Esta ausência de marcos de passagem provocou um sentimento de *desamparo e solidão* desde o surgimento da adolescência na modernidade (COUTINHO E MADUREIRA, 2018). Entretanto, esses sentimentos são potencializados na contemporaneidade, uma vez que houve a destituição de amparos simbólicos e institucionais, incluindo a família que vem perdendo sua função de amparar e fornecer referências aos adolescentes. Estes são, então, lançados à própria sorte em um mundo “onde as marcas que poderiam orientar o percurso do sujeito foram apagadas” (SAGESSE, 2021, p. 4), dificultando a construção do seu lugar no laço social. Ribeiro e Guerra (2021) também enfatizam as mudanças atuais da instituição família. Para melhor compreender suas pontuações, as considerações de Le Breton (2017) se fazem pertinentes. Nas palavras do autor: “A individualização do laço social contribui para a desinstitucionalização da família, que deixa de ser a célula elementar da sociedade para se tornar mais um refúgio sentimental, um lugar provisório, consensual do entre pares” (p.92). Nessa direção, Sagesse (2021) argumenta que os pais atuais não mais representam para os filhos uma marca da tradição.

É importante frisar que, para a psicanálise lacaniana, pai e mãe são funções simbólicas que podem ser ocupadas por figuras que não necessariamente correspondam ao pai ou mãe biológicos. Assim, em Duas notas sobre a criança, Lacan (1998) circunscreve as funções parentais fundamentais à constituição do sujeito: “Da mãe: enquanto seus cuidados portam a marca de um interesse particularizado, fosse ele pela via de suas próprias faltas. Do pai: enquanto seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo” (p. 3.). O que interessa, portanto, é o questionamento acerca da capacidade da família contemporânea em transmitir aos filhos “o que lhes cabe na constituição do sujeito.” (FERREIRA, 2019, p.113).

Corolário às mudanças da família contemporânea, o lugar da criança no desejo dos pais também sofreu modificações. Se outrora ela era fruto de uma série de gerações em que a transmissão e filiação se inscreveram, hoje ela é produto da volatilidade das relações dos pais, sendo apenas mais uma “companheira de jornada, um dentre outros interesses” (p.2). É nessa perspectiva que Cabral (2021) argumenta que, assim como os adolescentes, os pais contemporâneos se encontram desorientados. Para fundamentar seu posicionamento, recorre às primeiras teses de Lacan:

“Essa desorientação dos pais contemporâneos apareceu em uma das primeiras teses de Lacan, e ele a sustentou com ligeiras variações ao longo de sua docência: o declínio progressivo da função paterna. Está ligada, como veremos agora, a uma reformulação das funções do superego freudiano, permitindo vincular a dupla vertente – de déficit e de excesso – que, como vimos, caracteriza a nossa época. Déficit: o fracasso na transmissão de valores e ideais consistentes que permitam às novas gerações vincular-se ao corpo social. Excesso: no surgimento de um prazer destrutivo que, por diferentes meios, se mostra com essas mesmas gerações” (p. 737).

A *exempli grati*, os pais de Ana, caso clínico apresentado por Cesar (2019), não conseguem encarnar um anteparo simbólico para a filha. Esta tenta suicídio três vezes e constantemente recorre aos cortes para dar vazão à sua dor, mas seus pais não a ver, *não leva a sério sua dor* e outorga a ela terapêuticas cientificamente duvidosas, como florais. O excesso se presentifica na ausência dos limites colocados pelos pais que, nas palavras da própria menina, satisfazem todas suas vontades: bolsas de 4000 reais, inúmeras viagens, cabeleiros de Nova York. Um excesso que se traduz em um nomeado por ela “vazio barulhento” e em cortes incessantes. Bittencourt (2021) apresenta o caso da adolescente Natasha e seus pais que foram acolhidos pelo CAPSij da cidade de São Paulo. Seus pais possuem notória dificuldade de se apresentarem enquanto figuras de autoridade para ela. A dificuldade de impor limites também se apresenta nesse caso e seus pais, assim como os de Ana, responde com bens materiais às suas demandas. Por sua vez, Natasha também responde pela via do sem limite e excesso: atos impulsivos, uso abusivo de substâncias psicoativas e tentativas de suicídio.

Levinzon (2018) observa que no seriado *13 reasons why* nenhum adolescente compartilha com os pais e professores os dilemas pelos quais eles e seu grupo enfrentam. Os próprios pais de Hannah são surpreendidos pelo suicídio da filha, sem ter a mínima ideia das situações prévias àquele ato. O autor pergunta se isso demonstra a desconfiança dos adolescentes em relação ao mundo ou diz respeito ao despreparo dos pais em lidar com as angústias adolescentes. Para além das telas, a invisibilidade dos filhos aparece na cena analítica. Na sua segunda tentativa de suicídio, a jovem Ingrid ingere uma quantidade excessiva de remédio que apenas a fez dormir mais do que o normal. Ela conta que ninguém, nem mesmo seus pais, percebeu. Sua terceira tentativa, que ocorreu via cortes com intenção de suicídio, só veio ao conhecimento dos pais através da escola, o que trouxe alívio a adolescente (COUTINHO; MADUREIRA, 2021).

Albert Camus, filósofo existencialista, em meados do século XX afirma que a questão fundamental da filosofia deve ser o questionamento de se a vida vale a pena ou não ser vivida. Nesse sentido, para Cabral (2021) o suicídio adolescente denuncia o fracasso da comunidade em transmitir aos jovens um legado que os permita construir seu lugar no laço social e responder à pergunta filosófica de Camus. Esse posicionamento aponta para dimensão sociocultural do mal-estar na adolescência, que responsabiliza todas as instituições sociais responsáveis por ordenar a sociedade a se implicarem na causa adolescente, ocupando o lugar que lhe cabe na transmissão do legado social.

4.2.2 Reflexões sobre a função da Escola em relação ao suicídio adolescente

A escola se constitui enquanto um espaço em que as tensões das travessias adolescentes se fazem presentes, desafiando educadores ou qualquer profissional causado com o mal-estar juvenil atual. Nesse sentido, em julho de 2019, foi aprovada a Lei N° 13.819, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Esta amplia a

responsabilidade de notificação compulsória dos casos suspeitos de violência autoprovocada para os estabelecimentos de ensino público ou privado, os quais devem notificar os atos suspeitos ao Conselho Tutelar (BRASIL, 2019). Isso pode abrir questionamentos acerca da função da escola na questão do suicídio adolescente. Desse modo, alguns dos estudos selecionados debatem sobre o entrecruzamento desses dois fatores.

No texto “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio”, Freud (1970/1971) discute sobre a importância do manejo escolar em relação a alguns sujeitos que se demoram em ‘estágios desagradáveis’, a saber, a adolescência. Assim, o pai da psicanálise aponta para a responsabilização da escola nesse tempo delicado em que o sujeito experimenta o afrouxamento dos laços familiares (RIBEIRO, GUERRA, 2021). Diante de tamanha responsabilidade escolar, Cabral (2021) e Sagessi (2021) argumentam que a função da escola vai além do ensino pedagógico. Os autores localizam a instituição educativa como um possível espaço de desenvolvimento psicossocial e de iniciação social do adolescente. Assim, afastado das figuras parentais e da visão de mundo dessas, o adolescente investe nos objetos externos como professores e amigos, o que revela a função civilizatória da escola (SAGESSEI, 2021).

Por essas características, a Escola pode ser incluída enquanto aliada na atendimento a adolescentes (COUTINHO; MADUREIRA, 2021). As autoras citam o papel da escola no caso de uma adolescente de 14 anos, com histórico de automutilação e tentativa de suicídio, atendida pelo Serviço de Psiquiatria da Infância e da Adolescência da UFRJ. A jovem foi encaminhada pela Escola, após esta instituição identificar os cortes na aluna e convocar os pais. Essa identificação foi possível devido ao olhar atento da Escola, em que pôde perceber atos estranhos na estudante como o uso de moletom durante os dias quentes, que era utilizado na tentativa de encobrir as escarificações no braço. A Escola atuou enquanto parceira no tratamento da aluna e esta, por sua vez, conseguiu fazer elaborações subjetivas que lhe permitiram caminhos outros além dos cortes.

Em 2018, dois estudantes de um colégio da elite paulistana, se suicidam em um intervalo de menos de 15 dias (SAGESSEI, 2021). Um anos depois, uma escola estadual no interior de São Paulo é palco de uma cena de massacre que culmina no suicídio premeditado de dois adolescentes, episódio que ficou conhecido como Massacre de Suzano (GURSKI; STRZYKALSKI; PERRONE, 2020). A pesquisa de Friedemann e Narvaez (2020) com quatro estudantes de escola pública constatou que todos eles manifestaram ideia suicida e dois deles se automutilam. Tais fatos demonstram que a instituição escolar tem sido um dos primeiros locais em que o sofrimento psíquico dos jovens é manifestado (GURSKI; STRZYKALSKI; PERRONE, 2020). Dessa forma, as reflexões de Freud (1910/1974) sobre o fracasso da escola em inculcar nos jovens o desejo pela vida são reatualizadas:

Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia lhes oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento as compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Parece-me indiscutível que as escolas falham nisso, e a muitos respeitos deixam de cumprir seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertarem um interesse pela vida e pelo mundo exterior. (FREUD, 1910/1974, p. 218)

Entretanto, a tarefa da escola de inculcar o desejo pela vida aos seus alunos se complexifica na contemporaneidade. Cabral (2020) atribui essa dificuldade ao afrouxamento dos laços sociais e familiares típico da cena social atual. O autor aponta para a necessidade de criação de um espaço em que seja possível ao adolescente construir sua autonomia,

singularidade, independência e moratória enquanto ser de desejo. Friedmann e Narvaez (2020) argumenta que a instituição escolar, por vezes, fracassa em evitar o suicídio, uma vez que esta pode não fazer sentido ao adolescente que, devido a processos internos e à dificuldade de *subjetivação* das experiências na contemporaneidade, experimenta sensações de vazio. A pesquisa desses autores demonstra alunos que se retiram de cena, saindo da sala ou tendo crises de ansiedades durante as aulas, por não suportarem a ausência de significados na experiência escolar (FRIEDMANN E NARVAEZ, 2020).

Gusky, Strzykalski, Perone (2020), em alusão ao supracitado texto de Freud (1910/1974), amplia a questão acerca do desejo de viver dos jovens. Os autores argumentam que é preciso se questionar também sobre os discursos e práticas presentes na cena social contemporânea, que são anteriores às tentativas de suicídios dos adolescentes. Dessa forma, o discurso de ódio e incentivo às práticas de apagamento do outro, endossadas pelo atual presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro, os levam a questionar os modos que o par ‘cultura’ e ‘barbárie’ circula nas relações sociais. Nesse contexto, os autores questionam:

Como esperar o incremento do desejo de viver de nossos jovens quando lhes apresentamos um mundo cada vez mais bélico, polarizado e pautado por expressões de ódio? Como sustentar relações não destrutivas se o apagamento do outro é apresentado por algumas lideranças políticas como a única maneira de lidar com o mal estar produzido pelas diferenças? (GURSKI; STRZYKALSKI; PERRONE, 2020, p. 375)

Dada a importância que a escola assume na vida dos adolescentes, Coutinho e Madureira (2020) defendem a formulação de políticas educativas que priorizem as relações humanas e o trabalho do educador em detrimento dos projetos que priorizam a técnica e o produtivismo. Entretanto, as autoras reconhecem que a instituição escolar é atravessada pelo modelo neoliberal que produz individualismo nas diversas esferas sociais. Nesse sentido, nesse modelo socioeconômico o sujeito constitui a si mesmo como uma espécie de *capital financeiro humano* (GURSKI; STRZYKALSKI; PERRONE, 2020). No campo prático, todos os quatro adolescentes dos estudos de de Friedemann e Narvaez (2020) demonstram ter um ‘importante laço’ com a solidão. As autoras defendem, portanto, a inserção da psicanálise no espaço escolar com vistas a localizar o sujeito adolescente em sua singularidade. Em outras palavras, viabilizar a circulação da palavra para fazer emergir o sujeito em meio ao discurso totalizante da instituição.

4.3 O lugar dos atos e condutas de risco na adolescência contemporânea

Esta categoria sintetiza as ideias dos autores acerca dos atos e condutas de risco na adolescência. A maioria das referências sinaliza o imperativo do ato em detrimento da palavra, dado os poucos recursos simbólicos dos adolescentes contemporâneos.

Na adolescência, há um incessante questionamento acerca da sua própria existência (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Na ausência ou afrouxamento de referenciais simbólicos que possam orientá-los a um novo lugar, os adolescentes se veem obrigados a tecer, por vias próprias, o sentido de sua existência (LACADÉ, 2011, citado por Ribeiro; GUERRA, 2021, p.3). É nessa construção solitária de um novo lugar na sociedade que as condutas de risco emergem. Nesse sentido, antes de adentrar nas ideias dos autores desta revisão, recorreremos à definição de condutas de risco de Le Breton (2017). Para o autor, essas são todas as ações que

ameaçem, simbólica ou realmente, à própria vida. No rol de exemplos, há o alcoolismo, toxicomanias, desordens alimentares, velocidade nas estradas, relações sexuais não protegidas, interrupções voluntárias de tratamentos médicos e tentativas de suicídio.

Lacadée (2011), citado por Ribeiro e Guerra (2021, p. 3), localiza essas condutas de risco como sintomas contemporâneos, em que o ato tem preponderância. Coutinho e Madureira (2021), implicados pelo aumento expressivo da autolesão na adolescência, reflete se o ato tem sido uma das formas encontradas pelos jovens para lidar com a sua dor de existir. Essa dor está para todos aqueles que estão vivos, mas aparenta ser intensificada em “tempos de rupturas e esgarçamentos do tecido social.” (p. 2) Nesse sentido, os atos representam saídas criadas pelos adolescentes para construir seu lugar na existência e no tecido social sendo, portanto, mais uma “aposta” para viver do que um “ensaio” para morrer (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Assim, na ausência de referências na tradição que possam orientar a travessia adolescente, as condutas de risco constituem não tanto uma passagem ao ato, mas sim *atos de passagem* (LE BRETON, 2014, citado por CABRAL, 2021, p. 739).

Lacan (1979-1976/2007) citado por (Ribeiro; RIBEIRO, 2021, p. 3) afirma que a amarração dos três registros em um quarto nó borromeano tem a função de favorecer a organização psíquica dos sujeitos. Partindo dessa concepção, as autoras argumentam que na adolescência os três registros são afetados. Assim, há a irrupção do Real no sexo. As mudanças corporais e de imagem incidem no registro Imaginário. No campo Simbólico, testemunhamos a criação pelos adolescentes de gírias e códigos próprios. Esses efeitos no RSI causam uma desamarração do sujeito com o que até então o sustentava na infância. Esse desenlace pode levar os adolescentes a experienciar desorientação e sensação de que nada mais faz sentido. Desse modo, as fugas, errâncias e condutas de risco aparecem como tentativas de buscar algo que enlace esses três registros. São tentativas de dar conta desse Real que não cessa de se inscrever (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Entretanto, Juca e Vorcaro (2018) ressaltam as duas conotações dos atos na adolescência: ato *enodador* e ato *desmantelador*. Esta última aparece nos casos em que os atos adolescentes fracassam na sua empreitada de enodar os laços anteriores e fornecer uma nova posição subjetiva ao adolescente.

Nesta fase de desamarração dos três registros, os adolescentes podem experienciar angústias inefáveis. Resta, então, expressá-las via crueza do corpo, o qual é morada das questões de identidade e também do gozo (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Nesse sentido, as autoras supracitadas afirmam que a adolescência trata-se de um momento em que os atos podem se preponderar, uma vez que esses tomam o lugar da palavra. Além disso, na adolescência contemporânea o tempo da urgência impera. Os adolescentes veem e se apressam a concluir, comprimindo ou anulando o tempo de compreensão, o que também propicia a tendência ao ato (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Desse modo, os atos na adolescência comportam algo do gozo, do sem limite e da repetição.

Alberti (2009) citado por Juca e Vorcaro (2018), aponta para a prevalência dos *acting-outs* entre os adolescentes, através dos quais ocorre um apelo ao Outro. Entretanto, as autoras não deixam de ressaltar o cuidado em se fazer generalizações apriorísticas, enfatizando que em psicanálise a clínica é sempre soberana (JUCÁ e VORCARO, 2018). De todo modo, há de se questionar se os apelos adolescentes dirigidos ao Outro via atuação encontram interlocutores que possam ao menos enxergar a mostraçãõ adolescente. Os fragmentos clínicos dos estudos que apontam para filhos invisibilizados aos olhos da família reitera esse questionamento. Nesse contexto, chama atenção uma tendência viral de vídeo que

circulou na rede social *tik tok* por algumas semanas. Nela os adolescentes encenavam um trecho canção “Alice no país da overdose do compositor” Kamaitachi (2022) que dizia: “Alice se agarra no galho da vida e da morte dessa vez parece que Alice não teve sorte convulsiona no canto do quarto lacrimeja enquanto sua visão distorce, Alice no país da overdose.” Nos microvídeos, havia adaptações da música pela legenda, através dos quais os adolescentes gravaram a si mesmos tendo autonomeadas crises de ansiedades e relatando a quantidade de comprimidos ingeridos na última tentativa de suicídio. Isso pode escancarar a *dimensão do acting out* na era tecnológica em que as atuações podem atingir milhares de *views*, mas nenhuma garantia de amparo simbólico, visto que não há indicativos de que quem quer esteja vendo esses vídeos do outro lado da tela se apresente como um Outro para esses adolescentes. Isso suscita outro questionamento: quais são os efeitos subjetivos para os adolescentes do endereçar sucessivos *acting outs* a destinatários ausentes e virtuais?

Nesse sentido, Coutinho e Madureira (2021) problematizam, através da diferenciação entre dor e sofrimento, o endereçamento dos *acting-out* em tempos de esfumaçamento do Outro. Nas palavras das autoras:

“A dor caracteriza-se pela ausência de mediação do outro e o sujeito fica entregue ao excesso pulsional que o acossa. Com isso, a pulsão retorna para si, expressando a impossibilidade de enunciação da intensidade. No sofrimento, por outro lado, há a presença de um outro que pode oferecer a função de um anteparo contra esse excesso pulsional que invade o sujeito e permite a construção de uma narrativa sobre a dor, transformando-a em sofrimento passível de ser partilhado e historicizado.” (p.15)

Para uma dor ser nomeada e, assim, ser transformada em sofrimento é preciso a presença de um interlocutor que escute a mensagem. Na ausência de interlocutores, a dor não pode ser transformada em palavras, ficando circunscrita ao gozo corpo. Dessa forma, o ato dos adolescentes contra si próprio pode vir em resposta à falta de investimento psíquico do outro sobre eles (COUTINHO; MADUREIRA).

Lacan (1957-1958/1999) afirma que ao morrer o sujeito torna-se signo eterno para os outros, uma vez que há um corte na cadeia dos significantes, interrompendo seus deslizamentos e equívocos. Ao matar a si mesmo, o suicida torna-se mais signo ainda. Por isso, Lacan aponta para beleza horrenda do suicídio, que o faz ser abominado pelos homens, mas também portar em si uma *beleza contagiosa*, tal como se presencia nas epidemias de suicídio. Nesse sentido, as autoras retomam a série 13 *reasons why* no ponto em que Hanna faz sua passagem ao ato. Ao abolir a si mesma, Hanna marca-se enquanto signo na vida dos outros, uma marca que interrompe a cadeia dos significantes e, por isso, torna-se difícil a cada um dos 13 personagens envolvidos nas suas motivações suicidas fazerem deslocamentos (RIBEIRO; GUERRA, 2021). Os adolescentes de Suzano também se marcaram enquanto signos ao realizar o massacre e a matarem a si mesmos. Para Gusky, Strzykalski, Perone (2020) a passagem ao ato dos jovens tratou-se de uma tentativa de inscrição na história e construção do próprio nome via ruptura do laço com o outro, revelando uma dimensão do suicídio diferente do apagamento de si mesmo.

CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou uma revisão sistemática da literatura sobre suicídio na adolescência pelo viés teórico da psicanálise. Constatou-se um número considerável de produções, o que aponta para relevância crescente do tema. A maioria dos artigos partiram da vivência clínica, o que marca um traço particular da pesquisa em psicanálise.

Na primeira categoria “*Adolescência para a psicanálise*” a adolescência foi aludida pelos autores enquanto um tempo de intenso trabalho psíquico e subjetivo, em que o sujeito terá que se haver com o real pubertário que incide no seu corpo e com os encontros e desencontros com o outro sexo. Trata-se de uma transição da vida infantil para adulta em que o sujeito se desidentifica das figuras parentais e precisa direcionar sua libido para novos objetos, construindo um novo discurso para si, necessitando, portanto, de novos referenciais simbólicos. Os autores concluem que a adolescência diz respeito a uma transição delicada que convoca o Outro a ser alça de passagem nessa travessia da infância à vida adulta. É também o momento em que o jovem deixa em suspenso o valor e sentido da sua existência. Alguns autores consideraram o intento suicida nessa fase algo comum, dada a intensidade dos processos psíquicos que ocorrem. Outros interrogaram-se acerca da correlação entre suicídio juvenil e contemporaneidade.

Diante disso, na segunda categoria “*O adolescente frente ao mal estar da cena contemporânea*” os autores destacaram que a adolescência tem profícua relação às configurações de laço social de uma época, desnudando seu mal estar. A ausência de ritos de passagem na contemporaneidade lança o jovem ao abismo de si mesmo, sem contar com referenciais simbólicos que possam auxiliá-lo na inscrição de um novo lugar na sociedade. Os autores argumentaram que as instituições atuais, como a família e a Escola, se enfraqueceram na função de representar uma marca da tradição que pudesse orientar os jovens. Alguns autores enfatizaram a responsabilidade da família e outras instituições na transmissão de um legado social e do desejo de viver aos novatos da civilização.

Na categoria “*o lugar dos atos e condutas de risco na adolescência contemporânea*” os autores enfatizaram que na adolescência atual os atos e condutas de risco ganham preponderância, enquanto as palavras se encontram escassas. Os autores argumentaram que as condutas de risco aparecem como tentativas de criar um lugar na existência ou mesmo lidar com a dor e o indizível que assolam o corpo. Chama atenção a preponderância do *acting out* na adolescência de hoje, os quais se não encontrarem ancoragem simbólica, podem se tornar uma passagem ao ato.

Por fim, na tentativa de responder às perguntas introdutórias a partir dos autores selecionados, pode-se dizer que o suicídio na adolescência comporta especificidades que dizem respeito às operações subjetivas e psíquicas desse tempo. Além disso, essa é a fase em que mais do que nunca o sujeito interroga-se acerca do seu lugar na existência. Entretanto, a morte autoprovocada na adolescência porta uma particularidade que diz respeito à contemporaneidade, marcado pelo declínio das figuras de autoridade que possam orientar os jovens na construção do seu lugar no laço social.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Prefácio: o morto que canta.** In: Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental. São Paulo: Blucher; 2021. (Trabalho original publicado em 1991)

AGUIAR, D. C.; LUIZ SILVA CAMÊLO, E.; LIMA, F. DE O. **Um inimigo silencioso: óbitos por suicídio no Estado da Paraíba no período de 2015-2019.** Research, Society and Development, v. 10, n. 10, p. e196101018575, 8 ago. 2021.

BRASIL, 2021. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico: mortalidade por suicídio e lesões autoprovocadas no Brasil**, v. 52, n. 33, setembro, 2021.

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. **O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato**. *Psicologia Clínica*, v. 26, n. 1, p. 197–213, jun. 2014.

BITTENCOURT, C. **Do abandono à criação: o atendimento interdisciplinar de uma adolescente no CAPSij**. *Vínculo, São Paulo*, v. 18, n. 3, p. 94-97, dez. 2021.

CABRAL, A. C.. **Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais**. *Revista De Psicanálise Da SPPA*, 27(3), 2021.

CASSORLA, Roosevelt. **Suicídio: em busca do objeto idealizado**. *Rev. bras. psicanál, São Paulo*, v. 53, n. 4, p. 49-65, dez. 2019 .

CASSORLA RM. **Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental**. São Paulo: Blucher; 2021. (Trabalho original publicado em 1991)

CESAR, Fátima Flório. **Morte e vida na adolescência: da dor e da delícia de ser jovem**. *Desidades, Rio de Janeiro*, n. 22, p. 11-22, mar. 2019 .

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.

COUTINHO, L.; MADUREIRA, B. **Os Cortes na Adolescência e a Busca por um Lugar na Cidade**. *Educação & Realidade*, v. 46, n. 1, 2021.

COSTA, A.B.; ZOLTOWSKI, A.P.C. **Como escrever um artigo de revisão sistemática**. In: KOLLER, S.H.; COUTO, M.C.P. de P.; HOHENDORFF, J.V. (Orgs.) *Manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55 - 70

DUNKER, C. **A pena de Maat e a escuta trágica do suicídio**. IANINI, G [ORG]. *Vamos falar sobre suicídio?* São Paulo: Cult editora, 2021, 1.ed, p. 19-35

FERREIRA, T. **A escrita da clínica: Psicanálise com crianças**. Autêntica, 2017.

FLECHNER, Silvia. **Além dos limites: tentativas de suicídio na adolescência**. *Rev. bras. psicanálise, São Paulo*, v. 53, n. 4, p. 83-101, dez. 2019 .

FIOCRUZ. **Violência autoprovocada na infância e adolescência**. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-perfil-do-comportamento-suicida-entre-jovens> Acesso em: 31 de julho de 2022.

FREUD, S. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VI Rio de Janeiro. Imago, 1970 (Trabalho original publicado em 1901)

FREUD, S. **As transformações da puberdade** In: Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas da Standard Edition. Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1972. Vol. VII. (Trabalho original publicado em 1905)

FREUD, S. **Contribuições para uma discussão acerca do suicídio.** In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 11, pp. 217-218). Rio de Janeiro, RJ: Imago, [1910] 1974.

FREUD, S.. **Luto e melancolia.** In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).

FREUD, S. **Sobre a Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina.** Em: Obras Completas v. 15; Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, [1920] 2011

FREDA, D. A, **A desorientação nos adolescentes.** In: CALDAS, H. BEMFIC, C [ORGS]. Errâncias, adolescências e outras estações. Belo Horizonte. Editora EBP, 2016, p. 211-216

FRIEDEMANN, Adams; NARVAEZ, Joana. **O impacto da escola na ideação suicida de adolescentes.** Estilos clin., São Paulo , v. 25, n. 3, p. 471-487, dez. 2020

GUERRA, *et al.* Prefácio. In: LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência.** Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2017

GURSKI, Rose; STRZYKALSKI, Stéphanie e PERRONE, Cláudia Maria. **O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação.** Tempo psicanal. [online]. 2020, vol.52, n.2, pp. 357-383. ISSN 0101-4838.

KILOMBA, Grada. **Suicídio.** In: Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019, p. 187-191.

LACADÉE, P., **A esperança da adolescência: “a delicada transição” e elemento de novidade.** In: CALDAS, H. BEMFIC, C [ORGS]. Errâncias, adolescências e outras estações. Belo Horizonte. Editora EBP, 2016, p. 34-59

LACAN, J. **Dois notas sobre a criança.** Opção Lacaniana, 1998 (21), 5-6.

LACAN, J.. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.

- LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia**, 1962-1963. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005
- LEVINZON, Gina Khafif. **Thirteen reasons why: suicídio em adolescentes**. J. psicanal., São Paulo , v. 51, n. 95, p. 297-306, dez. 2018.
- LAVOR et al. **Sazonalidade e tentativas de suicídio: comparativo entre Paraíba, região Nordeste e Brasil**. Acesso em: 31 de julho de 2022.
- LE BRETON, D, **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2017
- LIMA, L.; PAZ, F. **A morte como horizonte?: Notas sobre suicídio, racismo e necropolítica**. Teoria e Cultura, v. 16, n. 1, 2021
- LINS, Tatiana e RUDGE, Ana Maria. **Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica**. *Trivium* [online]. 2012, vol.4, n.2, pp. 12-23.
- LUSTOZA, Rosane Zétola; CARDOSO, Mauricio José d'Escragnolle; CALAZANS, Roberto. " **Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 17, p. 201-213, 2014.
- MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de; BLOSS, Gerusa Morgana e MATTIAZZI, Thiciara. **Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte**. *Estud. psicol.* [online]. 2019, vol.19, n.3, pp. 787-808. ISSN 1808-4281.
- MILLER, J-A. **Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato**. *Opção Lacaniana Online: nova série*, 2014.
- MILLER, J-A. **Em direção à adolescência**. In: Bemfica, A.; Calda, H.; Boechat, C.. (Org.) *Errâncias, adolescências e outras estações*. 1ed. Belo Horizonte: EBP, 2016, p. 19-33
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros**. Brasília: Universidade de Brasileira, 2018
- NAVASCONI, P.; MOSCHETA, M.; **O existente inexistente: a interseccionalidade de raça, sexualidades e suicídio** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 2017, Maringá: Universidade Estadual de Maringá.
- RIBEIRO, C.; GUERRA, A. **O suicídio na adolescência**. In: IANINI, G [ORG]. *Vamos falar sobre suicídio?* São Paulo: Cult editora, 2021a, 1.ed, p. 53-71

RIBEIRO, C. N.; GUERRA, A. M. C. **Adolescência, atos e o risco de suicídio**. Psicologia USP, v. 31, 2020.

ROSA, Miriam Debieux. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica**. Rev. Mal-Estar Subj. [online]. 2004, vol.4, n.2, pp. 329-348. ISSN 1518-6148.

IANINI, G [org]. **Vamos falar sobre suicídio?** São Paulo: Cult editora, 2021, 1.ed, p. 53-71

SAGGESE, E. **Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolecer ou adoecer**. Educação & Realidade, v. 46, n. 1, 2021.

SANTIAGO, J. **Metapsicologia do ato suicida**. In: Vamos falar sobre suicídio? São Paulo: Cult editora, 2021, 1.ed, p. 117-139

SILVA, P. J. D. *et al* (2021). **Perfil epidemiológico e tendência temporal da mortalidade por suicídio em adolescentes**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 2021, 70, 224-235.

SOARES, E. **A Psicanálise em extensão e sua intensão**. Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, 4(8), 2009. [http:// www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_07_port.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_07_port.html)

JUCA, Vlândia dos Santos; VORCARO, Angela Maria Rezende. **Adolescência em atos e adolescência em ato na clínica psicanalítica**. v.1, n. 2, 2018.

YORKEY, B. **Thirteen reasons why** (Baseado no livro de J. Asher). Califórnia: Paramount, 2017.

VANNUCCHI, Ana Maria Stucchi. **Suicídio na adolescência: tentando pensar o impensável**. Rev. bras. psicanál, São Paulo , v. 53, n. 4, p. 143-157, dez. 2019

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra e KUPFER, Maria Cristina Machado. **O relato de casos clínicos em psicanálise: um estudo comparativo**. *Estilos clin.* [online]. 2006, vol.11, n.21, pp. 170-185. ISSN 1415-7128.

WANZINACK C, T., OLIVEIRA, AL de. **Mortalidade por suicídio entre adolescentes/jovens brasileiros: um estudo com dados secundários entre os anos de 2011**

a 2015. Divers@! [Internet]. 2017 jul-dez Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/diver.v10i2.54974>

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo seu amor e bondade infinitos.

A meu pai Olavo, a pessoa que mais aposta nos meus estudos e em mim. Amo-te inefavelmente. Obrigada por me permitir tantas coisas boas.

A minha mãe Ely Fátima por seu amor e zelo por mim, amo-te para sempre!

A minha vizinha (*in memoriam*) por ter sido a mulher mais forte e sensível que já conheci.

Aos pacientes do Maia por me ensinarem tanto sobre Psicologia.

À clínica escola de Psicologia e a seus escutandos que tanto marcaram minha formação.

A Marina Luna por sua função de analista tão bem ocupada que me permitiu tanto ao longo dos anos, inclusive a escrita deste trabalho.

A Appa, porque sua existência vem me confortando e enchendo meus dias de afeto e fofura há um ano todos os dias!

Aos meus amigos Jennifer, Lucas Gabriel e Felipe pela amizade de tantos anos, que mesmo à distância permaneceu. Obrigada por me levarem para praia toda vez que estou em AB!

As minhas amigas do ensino médio: Malú, Bia, Larissa, Rosalina e Lele por ainda permanecerem comigo da forma que nos é possível.

As minhas amigas Dandara e Cecília pelas conversas mais aleatórias, reflexivas e engraçadas de todos os dias. A amizade de vocês é uma grata surpresa na minha vida.

A Juliana Pessoa, Duda, Gustavo, Jonathan, Arthur e Lidiane por marcarem de diferentes formas minha vida e terem dado mais sentido e leveza à jornada acadêmica. Menção especial a Duda, por termos dividido uma com a outra os processos de escrita desse trabalho, subtraindo um pouquinho as angústias. Obrigada por sua leveza e espirtualidade!

À instituição UEPB, e em especial ao departamento de Psicologia e a todo seu corpo docente e outros funcionários.

A Lígia pelo aceite na orientação deste TCC e pela compreensão ao longo do processo.

A Jailma e Edivan por terem aceitado compor a banca examinadora deste trabalho e por terem marcado minha formação com suas transmissões extraordinárias.

A Sibelle pelos dois anos de orientação na iniciação científica que me inspirou tanto.